

Atraso na educação brasileira

Maria Clara R. M. do Prado



Existem mais negros na África do Sul com o quarto ano completo do ensino primário do que brancos no Brasil para o mesmo período de escolaridade.

Isso acontece a despeito de todo o racismo que ainda marca aquela sociedade africana.

É um dado espantoso. Até mesmo as pessoas dedicadas à educação na África do Sul ficaram surpresas em saber que o País está em melhor situação do que o Brasil.

Outro dado surpreendente: o nível de educação média de um brasileiro de 20 anos no Brasil equivale ao nível de educação média de um quarentão na África do Sul.

“Isso mostra que o Brasil está 20 anos atrás da África do Sul em matéria de educação”, comentou para a coluna David Lam, professor do departamento de economia da Universidade de Michigan, dos Estados Unidos, autor de um trabalho que está sendo aprofundado sobre “Desigualdade escolar e

desigualdade de renda na África do Sul e no Brasil”. Parte do estudo foi feito com a colaboração do Ipea, no Rio de Janeiro.

Os sul-africanos estão colhendo hoje os frutos dos investimentos que fizeram na área educacional. Eles conseguiram universalizar a educação primária no País (são sete anos de estudo) e não há criança branca ou negra fora da escola até a idade de 14 anos.

A realidade brasileira é outra apesar dos esforços do Governo em melhorar o quadro. “No Brasil ainda há muitas crianças que não conseguem obter educação primária, nem mesmo até a quarta série (de um total de oito anos que compõem o ensino fundamental)”, diz Lam.

Mesmo com a distância que está separando os dois países no campo da educação, Brasil e África do Sul seguem sendo os que apresentam a maior desigualdade em termos de distribuição de renda em todo o mundo.

A pergunta, então, é por que isso ocorre? Não deveriam os sul-africanos apresentar maior igualdade de renda em comparação com os brasileiros pelo fato de serem mais bem educados?

Deveriam, mas há aqui a particularidade do apartheid, bem característico da sociedade sul-africana, que explica as distorções a nível de renda. Ainda vigoram no País restrições à atuação dos negros no mercado de trabalho, responsáveis por um enorme buraco que separa os salários dos brancos da remuneração recebida pelos não-brancos.

Acredita Lam que a situação tende a melhorar muito a curto e médio prazos devido à velocidade das mudanças que envolvem a questão racial naquele país.

Enquanto isso, o Brasil revela-se como um caso típico em que a extrema desigualdade na distribuição de renda está intimamente associada à desigualdade na escolaridade.

David Lam não tem dúvida sobre a estrita correlação existente entre as duas desigualdades.

O baixo nível de educação transformou o Brasil em um dos países que mais altas taxas de retorno

à escolaridade apresenta.

Significa dizer: ganha-se comparativamente mais no Brasil para cada ano adicional de estudo do que em outros países.

Lam cita como exemplo que um brasileiro

de 40 anos de idade com até quatro anos de escolaridade recebe em média salário 15% maior do que aquele pago para um outro brasileiro com três anos de estudo.

Isso nada mais confirma a estreita relação existente entre grau de escolaridade e distribuição de renda no País.

A oferta de oportunidades de educação é tão baixa que qualquer um com um mínimo de escolaridade consegue ampliar significativamente sua renda para cada ano adicional de estudo.

Vale notar que se fala aqui de educação a nível da primeira etapa do ensino fundamental, ou seja, até a quarta série do primeiro grau. Também há incremento na renda que se agrega por cada ano de estudo adicional, além da quarta série, mas já não é tão substancial.

Da terceira para a quarta série, o retorno em termos de renda salarial pode envolver um acréscimo médio de até 20%. Já da quarta série para a quinta, o aumento é menor, em torno de 5%.

Nos Estados Unidos, só para se ter uma idéia do que acontece em país com distribuição mais igualitária de renda, a taxa de re-

torno em termos de salário por ano de escolaridade não passa de 8%.

“Se a distribuição da educação no Brasil fosse a mesma dos Estados Unidos, a distribuição de renda dos dois países também seria parecida”, atesta Lam, um especialista em assuntos relacionados a mercado de trabalho e à educação.

Há aqui uma relação extremamente forte entre o nível de educação dos pais e das crianças.

Quanto mais escolarizados e maior renda tiverem os pais, melhor é o nível de escolaridade dos filhos. Isso acontece em qualquer país, mas Lam acha que é mais expressivo no Brasil do que na África do Sul.

A diferença está na maior agressividade da política educacional sul-africana que em pouco tempo conseguiu ter escolas de primeiro grau para atender a todas as crianças na faixa de até 14 anos, brancas ou negras.

Não se criou ainda no Brasil uma estrutura educacional bem-sucedida. “Há avanços, porém bem mais vagarosos do que outros países”, acredita David Lam. ■

(Esta coluna sai todas as terças, quintas e sextas-feiras)

Com toda a tradição racista, há mais negros na África do Sul com a quarta série completa do que brancos nesse grau no Brasil

A falha no sistema educacional faz do Brasil um dos países com maior taxa de retorno de escolaridade